



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 6



Atena
Editora

Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

**Educação: Políticas, Estrutura e
Organização**
6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 6 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e Organização; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-307-1

DOI 10.22533/at.ed.071190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 6” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra.

A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular. A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DO DESENCANTO AO ABANDONO DE SI - MARCAS DA COLONIALIDADE SOBRE O OFÍCIO DE PROFESSOR	
Genilda Alves Nascimento Melo	
Andréia Quinto dos Santos	
Célia Jesus dos Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0711903041	
CAPÍTULO 2	12
DOS MODELOS PEDAGÓGICOS EUROPEUS E NORTE-AMERICANOS NA ESCOLA PRIMÁRIA DA PRIMEIRA REPÚBLICA NO BRASIL: PRÁTICAS ESCOLARES DE LEITURA E ESCRITA	
Rosemeire dos Santos Amaral	
Maria Neide Sobral	
DOI 10.22533/at.ed.0711903042	
CAPÍTULO 3	24
EAD SOB A PERSPECTIVA SWOT	
Erika Pinheiro Pérez	
Blanca Martín Salvago	
DOI 10.22533/at.ed.0711903043	
CAPÍTULO 4	38
EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO CURRÍCULO ESCOLAR	
Maria Jussilania Dantas Araújo	
Márcio Rodrigues dos Santos	
Flávia Nunes de Sousa Limeira	
DOI 10.22533/at.ed.0711903044	
CAPÍTULO 5	46
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REVOLUÇÃO PLANETÁRIA- SOBRE A VISÃO DE EDGAR MORIN	
Marinalva Valdevino dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0711903045	
CAPÍTULO 6	53
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE SOBRE O CENTRO EDUCACIONAL FEMININO (CEF)	
Natalya Regina Fortes Monte Santos	
Maria Gilcília Silva Pereira Borges	
Aislla Maria de Almeida Gomes	
Ana Rita Soares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0711903046	
CAPÍTULO 7	61
EDUCAÇÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UMA TURMA DE INFORMÁTICA BÁSICA	
Mario Diego Ferreira dos Santos	
Suzy Kamylla de Oliveira Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.0711903047	

CAPÍTULO 8	67
EDUCAÇÃO DO CAMPO E GESTÃO DEMOCRÁTICA: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DA CASA FAMÍLIA RURAL “MANOEL PAULINO DE SOUSA”- ABAETETUBA/PARÁ	
Juliany Serra Miranda Denival de Lira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.0711903048	
CAPÍTULO 9	72
EDUCAÇÃO E CULTURA: AS RESSONÂNCIAS (RE)PRODUZIDAS PELAS MÍDIAS NA CULTURA RIBEIRINHA	
Adelmo Viana Wanzeler Benilda Miranda Veloso Silva João Batista do Carmo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0711903049	
CAPÍTULO 10	83
EDUCAÇÃO E TRABALHO: O PROCESSO INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Rosalina Rodrigues de Oliveira Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.07119030410	
CAPÍTULO 11	95
EDUCAÇÃO EM SAÚDE: PREPARANDO PACIENTES E FAMILIARES PARA A DESOSPITALIZAÇÃO	
Juliana Lemos Zaidan Priscyla Dayane Gomes das Chagas Lira Elvira Santana Amorim Andreyana Javorski Rodrigues Jael Maria de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.07119030411	
CAPÍTULO 12	102
EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA NOVO MAIS EDUCAÇÃO PARA A EFETIVAÇÃO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA ESCOLA GUIOMAR LYRA, CARUARU – PE	
Marilene da Silva Lima Edilene Maria da Silva Katia Tatiana Moraes de Oliveira Ana Lúcia de Melo Santos Nubênia de Lima Tresena	
DOI 10.22533/at.ed.07119030412	
CAPÍTULO 13	114
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A PERSPECTIVA DO ESPORTE NA ÓTICA DA CULTURA CORPORAL	
Rogério Tauã Mello Machado Yuri Lima Silveira Ian Fonseca Coquet	

DOI 10.22533/at.ed.07119030413

CAPÍTULO 14 119

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SOBRE A POLÍTICA DE INCLUSÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ITUMBIARA/GO

Keila Rosa Procópio

Lia Batista Machado

DOI 10.22533/at.ed.07119030414

CAPÍTULO 15 131

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM OLHAR SOBRE A VIVÊNCIA DO PROFESSOR/A AUXILIAR NA MEDIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Gessione Moraes da Silva

Gesomara Lopes Guerra

Maria Adriana de Souza

DOI 10.22533/at.ed.07119030415

CAPÍTULO 16 141

EDUCAÇÃO NA INDÚSTRIA 4.0: CONTRIBUIÇÕES DA SALA INVERTIDA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Sebastião Soares Lyra Netto

Ana de Kássia Silva Lyra

Jedida Severina de Andrade Melo

Queila Carla Ramos da Silva Alcantara

Andréia Gilzélia de Arruda Santana

Paula Helena da Rocha Silva

Rosilene Tarcisa da Silva Lisboa

DOI 10.22533/at.ed.07119030416

CAPÍTULO 17 156

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO GRUPO AGITAÇÃO RIO PRETO: ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES PROPÍCIOS AO LAZER E À EDUCAÇÃO

Maria Fernanda Sanchez Maturana

Miriam Sinhorelli

Vagner Sérgio Custódio

Isadora de Oliveira Pinto Barciela

Aline Sinhorelli Sakamoto

Vanessa Camilo Sossai

Keila Isabel Botan

Rodrigo Soares da Silva

DOI 10.22533/at.ed.07119030417

CAPÍTULO 18 165

EDUCAÇÃO PERMANENTE: PROCESSO DE TRABALHO DE AUXILIARES EM SAÚDE BUCAL NO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tainá Macedo Do Vale

Ermano Batista Da Costa

Antônio Rodrigues Ferreira Júnior

DOI 10.22533/at.ed.07119030418

CAPÍTULO 19	173
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DO PNE (2014-2024) E LDB – 9.394/96	
Jamilly Leite Olegario Maria Aparecida dos Santos Ferreira Márcia Gonçalves Keesem	
DOI 10.22533/at.ed.07119030419	
CAPÍTULO 20	180
EDUCAÇÃO SEXUAL: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO PROCESSO DE AUTO-CONHECIMENTO E NA CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADANIA ATIVA	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro Andreza Marques de Castro Leão	
DOI 10.22533/at.ed.07119030420	
CAPÍTULO 21	198
EDUCAÇÃO SOBRE DIREITOS HUMANOS E ENSINO DE QUÍMICA: EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO CIDADÃ NA ESCOLA	
Alex William Sanches Fernando de Azevedo Alves Brito Pâmela Ribeiro Lopes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.07119030421	
CAPÍTULO 22	210
EDUCAÇÃO SOBRE DIREITOS HUMANOS E GÊNERO: ENTRELACANDO PERSPECTIVAS	
Alex William Sanches Álvaro de Azevedo Alves Brito Bianca Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.07119030422	
CAPÍTULO 23	218
EFETIVAÇÃO DA INCLUSÃO DO SURDO NO PROCESSO EDUCACIONAL	
Lindacir Laurentino Lima de Medeiros Rosana de Medeiros Silva	
DOI 10.22533/at.ed.07119030423	
CAPÍTULO 24	227
EJA NO MUNICÍPIO DE ARAPIRACA: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA E PEDAGÓGICA NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO E A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE	
José Clebson dos Santos Jenaice Israel Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.07119030424	

CAPÍTULO 25	238
ELABORAÇÃO DE UM OBJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM BASE NO SISTEMA DE AUTOMAÇÃO DA COLETA DE ÁGUAS DA CHUVA	
Abel Antônio Alves Kenedy Lopes de Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.07119030425	
CAPÍTULO 26	252
EM DISCUSSÃO: O ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E AS DECORRÊNCIAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. ESTAMOS PREPARADOS PARA IMPLANTÁ-LO?	
Rosângela da Silva Camargo Paglia	
DOI 10.22533/at.ed.07119030426	
CAPÍTULO 27	263
ENSINO DA ROBÓTICA: O ARDUINO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA	
Brenna Theodora Machado Matos Robério Oliveira Rodrigues Maria Bruna Machado Matos Paulo Sérgio Silvino do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.07119030427	
CAPÍTULO 28	273
ENSINO DE BOTÂNICA: METODOLOGIA PARA O ESTUDO DAS ANGIOSPERMAS NO FUNDAMENTAL II	
Rivete Silva de Lima Pietra Rolim Alencar Marques Costa Rafaela Sales Pereira Roxo	
DOI 10.22533/at.ed.07119030428	
CAPÍTULO 29	286
ENSINO DE BOTÂNICA: UM ESTUDO A PARTIR DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO BRASIL (1982 A 2016)	
Laís Goyos Pieroni Maria Cristina de Senzi Zancul	
DOI 10.22533/at.ed.07119030429	
CAPÍTULO 30	297
ENSINO DE HISTÓRIA E A SEGUNDA GRANDE GUERRA A PARTIR DE POESIAS, FOTOGRAFIAS E SUAS REPRESENTAÇÕES	
Daniele Alves Craveiro Fernanda Dalmazo Garcia Fernando Santos Maciel Leticia Vicentina Nunes Zandoná Luciana Berbel Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.07119030430	

CAPÍTULO 31	302
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PERNAMBUCO: UMA ANÁLISE DOS PARÂMETROS CURRICULARES NO CONTEXTO DE SALA DE AULA	
Samantha Joyce Ferreira Wanderley da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.07119030431	
CAPÍTULO 32	308
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS: O FATOR INTERCULTURALIDADE PRESENTE EM MANUAIS DIDÁTICOS PRODUZIDOS NO BRASIL	
Márcia Rejane de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.07119030432	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	317

EDUCAÇÃO E CULTURA: AS RESSONÂNCIAS (RE) PRODUZIDAS PELAS MÍDIAS NA CULTURA RIBEIRINHA

Adelmo Viana Wanzeler

Universidade Federal do Pará – CUNTINS/
Cametá
Cametá-PA

Benilda Miranda Veloso Silva

Universidade Federal do Pará – CUNTINS/
Cametá
Cametá-PA

João Batista do Carmo Silva

Universidade Federal do Pará – CUNTINS/
Cametá
Cametá-PA

RESUMO: Este artigo intitulado “Educação e Cultura: as ressonâncias (re)produzidas pela pelas mídias na cultura ribeirinha” tem como objetivo, além de desmistificar a concepção de que a educação ocorre unicamente dentro do espaço escolar, refletir sobre a educação do campo com especificidade a educação ribeirinha, haja vista que a educação acontece em diversos espaços e a influência da mídia na cultura dos sujeitos do campo. É pertinente advertir que, de uma forma ou de outra, todo ser humano é atuante de um ato educativo que independe de tempo e espaço para acontecer. A metodologia dar-se pela pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, instrumentalizados pela

observação e entrevista semiestruturadas, fundamentados em autores que discutem a temática em questão. Os resultados obtidos com a pesquisa nos apresentam que a mídia enquanto formadora de opinião acaba por influenciar de fato na cultura ribeirinha, onde é perceptiva a mudança no comportamento, costume, vestimenta, instrumentos tecnológicos, a busca por conhecimento e mudanças na linguagem. Conclui-se que analisando os impactos que as novas tecnologias vêm causando na sociedade, há evidências que a mídia é imprescindível aos rumos educacionais oferecendo valiosas perspectivas para atingir o conhecimento satisfatório, mediações, conflitos, em que se insere esse estudo como pretensa contribuição ao desenvolvimento da educação cultural de desenvolvimento da população ribeirinha.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Educação Ribeirinha. Mídia. Cultura.

ABSTRACT: This paper entitled “Education and Culture: The resonances re(produced) by the media into riverside culture” has as objective, not only desmistify the conception that education occurs only within the school domain, reflect about field education,

especifically, the riverine education, considering that the education happens in so many places and the media influence inside field people culture. It is pertinent to warn that, in one way or another, every human is active in an educational act that is time and space unattached to happen. The methodology is given by the case study qualitative research type, instrumented by observation and semi-structured interview, based on authors that discuss the approached subject. The research results obtained show that media builds opinion and really has indeed influencing the riverine culture, where is perceptible the changing behavior, habit, dressing, technological tools, the knowledge search and language changing. Concluding that when analyzing the impacts caused by new technologies inside society, there is such evidences that media is indispensable to the educational pathway offering valuable perspectives to reach the enjoyable knowledge, mediations, conflicts, this study is inserted as a presumed contribution to the riverine cultural and educational development.

KEYWORDS: Field education. Riverine education. Media. Culture.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto das contribuições teóricas provenientes das discussões tecidas ao longo da disciplina Educação do Campo proporcionada no curso de Pedagogia na UFPA – Universidade Federal do Pará, que trata dos princípios e estruturas da educação campesina nos níveis das relações escola-cultura, bem como dos sistemas de ensino e da organização dos processos educativos escolares e não escolares. Nessa perspectiva, partimos da seguinte problemática: **Quais as ressonâncias (re) produzidas pelas mídias na cultura ribeirinha?** Sendo assim, neste ensaio, a evidência será dada aos processos educativos de caráter não formal, haja vista que a educação acontece em diversos espaços, de uma forma ou de outra, todo ser humano é atuante de um ato educativo que independe de tempo e espaço para acontecer.

Para uma melhor compreensão do tema abordado faz-se necessária algumas colocações inerentes. Para esse fim, primeiramente abordaremos o conceito de educação do campo, onde vem trazer, os princípios norteadores dessa educação e sua contextualização histórica advinda dos Movimentos Sociais.

Ao falar de Educação do Campo é inerente não falar de educação formal e não formal, no sentido que propicia a pedagogia da alternância, a pedagogia do movimento, aborda as formas de educação quebrando os paradigmas de que a educação só acontece na escola, o que trataremos no segundo tópico.

Um terceiro ponto tratado seria a mídia, educação e cultura, enfatizando a conceituação dos termos e o que elas tendem a contribuir com a educação do campo. E por fim ressaltando os impactos, as influências causadas pelos meios midiáticos de comunicação e informação na cultura ribeirinha. E por fim abordaremos a contribuição formal da escola propondo a responsabilidade de orientar, socializar esses conhecimentos advindos da mídia.

A metodologia dar-se pela pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, instrumentalizados pela observação e entrevista semiestruturadas, fundamentados em autores que discutem a temática em questão.

2 | EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONSTRUINDO CONCEITOS

A Educação do Campo constituída num espaço de lutas dos Movimentos Sociais e sindicais do campo é traduzida na resolução 01 da CNE/2002, em seu parágrafo único como:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Art. 2º da Resolução 01 – CNE 03/04/2002 – Diretrizes Operacionais para Educação do Campo).

Sendo assim, toda ação educativa fundamentada nos conhecimentos, habilidades, valores, modo de ser e de produzir da população camponesa compreende-se como educação do campo. Sabemos que a escola e a comunidade são espaços multiculturais e de produção de conhecimento para transformação da realidade. Nesse sentido, os espaços da vida familiar, do trabalho, da comunidade, dos movimentos sociais, são também espaços de aprendizagens que podem e devem ser explorados para o ensino das diversas áreas do conhecimento e consecutivamente relacionando com os conhecimentos universais.

Dessa forma o papel da escola não seria somente de repassar o código escrito, ensinar a ler, a escrever e a contar, mas, sobretudo de construir valores e conhecimentos, desenvolvendo habilidades e preparando os educandos para a vida e para o mundo. Dessa forma, na escola deve haver um planejamento de ação pedagógico voltado para uma educação de qualidade. Não somente a instituição escola, mas também o Estado e o município. Pois tanto o Estado quanto o município precisam pensar políticas públicas de ações articuladas para o desenvolvimento da sociedade e dos sujeitos que dela fazem parte.

Para Caldart (2012) a educação do campo é um conceito em construção e ressalta que: [...] “a educação do campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos próprios trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas” (Caldart, 2012. p. 257).

Nesse sentido, a autora diz que pensar a educação do campo também é pensar os movimentos sociais ao qual foram os princípios norteadores de sua produção e que desse modo já pode configurar-se como uma “categoria de análise da situação ou de práticas e políticas de educação dos trabalhadores do campo” (Caldart, 2012. p. 257).

Assim a educação do campo pensada pelos próprios sujeitos para eles e por eles se caracteriza pelo movimento do movimento. Essa pedagogia possibilita está sempre em evolução, em transformações de suas práticas, por isso Caldart define como um conceito em construção, justamente pelo fato do movimento.

3 | EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

A educação formal é aquela que procede nas escolas, nas universidades, nos institutos politécnicos e outras instituições de ensino, desse modo são as que ocorrem no sistema regular de ensino que exige em seu processo educativo, currículos, normas e regras de certificação bem determinadas. Gonh (2006) define:

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. (GONH, 2006, p. 25)

Gonh (2006) destaca que nas instituições de ensino formal a aprendizagem emana de conteúdos sistematizados, normatizados por lei maior da Educação Brasileira ao qual é regida toda a educação, a LDB 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que definem as normatizações educativas.

A Educação Não Formal provém fora do sistema formal de ensino, é um processo organizado, porém os resultados da aprendizagem não são avaliados formalmente, ela acontece voluntariamente, ou seja, pela busca dos sujeitos pelo conhecimento baseada na motivação inerente dos sujeitos, esse tipo de educação não acontece por meio de conteúdos como na educação formal, porém tem fim educativo, podemos dizer que a educação não formal se desenvolve cotidianamente para além dos muros das escolas, nos grupos sociais, nos movimentos, nos programas de direitos humanos, cidadania, lutas contra as desigualdades e exclusões sociais, nas comunidades, nos grupos religiosos, nas associações, ONG's, enfim decorre nos movimentos interacionistas dos sujeitos nela envolvidos. Ela não se caracteriza como espontânea, pois o processo que o produz tem intencionalidades e propostas para um fim, ou seja, o desenvolvimento educativo é gerado por uma intenção, algo a ser conquistado a partir desse conhecimento adquirido. Segundo Brandão (1981) a educação está em todo lugar e acrescenta:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias Educações. (BRANDÃO, 1981, p. 07).

Brandão nos faz refletir sobre justamente essa relação da educação com outros meios, com outros ambiente e espaços que ocupamos no mundo, e não somente as

horas que estamos na escola. Nesse sentido nos perguntamos: será que também não seria uma educação, não estaríamos aprendendo, nos formando também nesses espaços caracterizados como não formativos não escolares?

Percebemos que a educação não formal é vista como uma educação não “creditada” e por isso talvez não seja avaliada, ou mesmo, aceita nos espaços escolares como conhecimento também adquiridos pelos sujeitos e que precisam ser considerados nos âmbitos escolares para uma alternância de saberes/conhecimentos advindos da comunidade/campo. Pois dessa forma se constrói os conhecimentos e o diálogo entre sujeito (com seus saberes) e a escola como instituição de ensino, deve aprimorar esses saberes e não simplesmente ignorá-los como se não tivessem algo de fundamental a serem discutidos, dialogados, socializados com todos na escola.

4 | MÍDIA, EDUCAÇÃO E CULTURA EM PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DA CULTURA RIBEIRINHA

São muitas as reflexões em torno do assunto mídia, educação e cultura, pois estes vêm sendo aprofundados há várias décadas dado a constatação de sua influência na formação do sujeito ribeirinho contemporâneo e da necessidade em explorar o assunto diante do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Ao falarmos propriamente sobre mídia, educação e cultura, faz-se necessário a acepção de cada uma delas.

Mídia é um conjunto dos meios de comunicação, podemos citar os jornais, revistas, rádio, televisão, a internet, a grande mídia internacional, no qual todas tem a finalidade de atingir um determinado público, podendo ser também um setor de uma agência de propaganda que se ocupa da veiculação de anúncios, em que;

Uma das tarefas do ensino é estudar a mídia para não ser “engolido” por ela; sua importância depende da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social. Fazer do discurso da mídia um ponto de partida para a reflexão e a crítica sobre os fatos do mundo é fazer da sua leitura uma atividade criativa e crítica. (GUILLARDI apud ASSUMPÇÃO, 2008, p. 3).

Pelas magnitudes alarmantes que a mídia vem assumindo, chegando aos mais diversos grupos sociais, entretanto com um viés unilateral, o que acaba por deixar a população passiva, sem reflexão, discussão, ou qualquer crítica sobre as informações que recebem dos meios midiáticos de livre acesso. Por isso é tão importante estudar e conhecer a mídia para que uso desta não interfira na sua leitura crítica e criativa. Para GUARESCHI (2004),

A mídia constitui um novo personagem dentro de casa, que está presente em nossas vidas e com quem nós estamos em intenso contato, muitas horas por dia. Esse personagem é infiltrado nos lares, com sua voz poderosa, apenas nos dá respostas, agrega valores e estabelece relações hierárquicas, atrai os receptores

a valorizarem e adotarem seus dizeres e modos de ser, agindo no cotidiano das pessoas e na vida social. Por meio de tais práticas a mídia, torna os seres humanos seus reféns, reconstruindo e modelando suas subjetividades (GUARESCHI, 2004, apud SILVA, p. 5).

A Educação é o conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito e é também uma ação de educar. Segundo o dicionário prático de pedagogia, é a ação exercida por meio de métodos particulares, com o objetivo de desenvolvimento ou preparação social, intelectual, moral, física, e afetiva de uma criança ou jovem; É a transmissão da cultura de uma geração para outra; Também pode ser civilidade, nível ou tipo de ensino.

Assumir essa premissa pressupõe confirmar com a afirmação da carência da extensão da escola urbana para o campo. Um dos resultados visíveis no Brasil da reivindicação acerca da especificidade da educação do campo está expresso na inserção de tal elemento na legislação educacional brasileira, mais especificamente nas Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo. Nos seus artigos 1º e 2º, aponta:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo a serem observadas nos projetos das instituições que integram os diversos sistemas de ensino.

Art. 2º Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal. (BRASIL, 2002).

Nesse sentido, são excludentes atitudes como afirmar que a educação do campo e urbana deve ser tratada de maneira uniforme. Ou ainda, estabelecer a ótica da racionalização econômica para o atendimento das crianças do campo, arrancando-as de suas realidades, com um processo desgastante de transporte ribeirinho e as depositando em escolas estranhas à sua realidade. A exclusão mais brutal é aquela que priva totalmente os moradores do campo de seu direito à educação.

Já a Cultura podemos dizer que é uma ação, arte, modo ou efeito de cultivar, de criar certos animais, é estudo, instrução, saber e expressa ação marcada pelo cuidado. Tomada abstratamente, para alcançarmos seu significado geral. Cultura é toda ação humana resultante das relações entre os seres humanos e deles com a natureza que leva a afirmação de modos de vida. Numa perspectiva filosófica Chauí define como: “Cultura é uma palavra de origem latina, *colere*, que significa cultivar, criar, tomar conta, cuidar” (Chauí, 1997, p.292).

Como podemos observar na colocação de Chauí, trata-se do significado, da origem, criação e da recriação que emergem daquelas em que os seres humanos, ao transformarem o mundo, simultaneamente transformam a si próprios. Neste cenário

de constante e acelerado processo tecnológico que desde os anos 80 tomou novas proporções com equipamentos projetados para armazenar, processar e transmitir informações de forma mais rápida e cada vez mais acessível em torno de custos, vislumbrando uma maior possibilidade de utilização para todos, presencia-se questões sobre a informatização e o acesso à internet permeando ainda as discussões sobre educação do campo, como por exemplo, necessitando abordar aspectos sobre as condições sociais, políticas e econômicas da vida e do trabalho, entrelaçados com as condições culturais destes camponeses ribeirinhos.

Para o líder comunitário desta comunidade ribeirinha, as mídias fornecem as pessoas informações e ideias conflitantes às vezes sobre a sociedade em que vivem, e cabe ao líder testar algumas dessas descrições e interpretações dessa realidade, comparando os produtos da cultura de massa com suas próprias experiências. É nessa tarefa que reside a essência da mídia-educação. Conforme HALL e WHANNEL (1964):

Precisamos prestar atenção as formas pelas quais as novas experiências são apresentadas, discriminar valores, analisar nossas respostas a elas, cuidadosamente. Em termos educacionais, pelo menos, este é o único tipo de controle moral que pode ser aplicado a rápida expansão que tem acontecido. O processo da avaliação é o negócio próprio da educação, começa no sistema formal, mas não acaba nele. (Hall e Whannel, 1964.p.46, apud Siqueira e Martins, 2013, p.100).

Nesta esperança, de desconstrução e análise do processo dessas experiências apresentadas através das mensagens, dos valores, das respostas que parece ser um caminho produtivo para promover habilidades críticas para o uso da mídia na educação e na cultura dos povos camponeses. Apresentar a teoria de Hall (1964), citada por Siqueira e Martins (2013) nesse momento para o campo da mídia-educação provoca em encontrar formas de promover o aprendizado de habilidades, de experiências, ampliando o conhecimento cultural da comunidade de modo a contemplar questões da natureza política e culturais integradas a aprendizagem das técnicas e padrões de uso das diversas linguagens na mídia o que a seguir veremos os impactos, as influencias causadas pela mídia na cultura dos ribeirinhos da localidade de Itanduba/Cametá/Pará.

5 | OS CONFLITOS DA MÍDIA NA CULTURA RIBEIRINHA DA POPULAÇÃO LOCALIZADA NA ILHA DE ITANDUBA NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ-PARÁ

As maneiras pelas quais interagimos e nos adaptamos ao mundo, as maneiras pelas quais orientamos nossas práticas educacionais e cotidianas, as formas de perceber o outro e a nós mesmos mudaram a partir da presença constante das mídias em nossas vidas. Por exemplo, hoje as pessoas tem acesso desde a infância a uma

variedade de informações disponíveis nos desenhos animados, filmes que assistem na TV, informações, vídeos, fotos, apelos de consumo, modelos de estilo de vida veiculados pelas mensagens através da mídia, que compõem o imaginário e a vida prática não somente da comunidade ribeirinha, mas de um todo idealizado pela mídia, e isso podemos observar na fala do líder comunitário ribeirinho entrevistado localizado na Ilha Itanduba no município de Cametá quando perguntamos: Qual a influência da mídia na educação dos ribeirinhos? Segundo o líder comunitário:

Aqui na nossa escola mais próxima já podemos observar a influência da mídia nas crianças, muitas vezes influencia no material escolar por quererem o caderno, a mochila, o lápis de determinados personagens que viu na TV. Nas escolas onde os estudantes já são adolescentes, jovens a mídia influencia muito mais e interfere no aprendizado escolar, pois muitos destes querem estar no telefone conversando com amigos, mostrando vídeos, tirando fotos, jogando alguns joguinhos e isso atrapalha muito, tanto o professor como também os colegas.

Apesar de a mídia televisiva ter se propagado consideravelmente nas últimas décadas e hegemonizado a informação em diferentes territórios do campo, inclusive influenciando nos costumes de diversos povos do campo, em muitas regiões rurais o rádio possui ainda forte inserção, este por sua vez transmite notícias locais, propagandas de músicas regionais e humorísticas e dentre outras informações. Outro aspecto é a linguagem: no rádio se fala a mesma língua da população local, diferentemente da linguagem transmitida pela televisão ou por meios escritos. Isso se percebe claramente na fala do líder comunitário, quando perguntamos: Qual o tempo destinado às mídias e esse tempo se repercute no trabalho dos ribeirinhos? Atrapalha ou não no dia a dia do ribeirinho? Segundo ele:

“A TV assistimos mais a noite, o rádio não interfere no trabalho, porque ao mesmo tempo em que estamos trabalhando na construção de uma ponte, por exemplo, podemos estar ouvindo a rádio; o telefone é mais para fazer e receber ligações tem internet às vezes, mas não interfere nos nossos afazeres, pois sabemos do tempo que temos para todos os nossos serviços”.

Em contextos de lazer, as tradicionais festas populares, das quais as crianças participam entusiasmadas, transmitem valores, experiências sociais, valorizam os símbolos culturais dos povos do campo e são ricas em oralidade. Nas situações cotidianas, alguns jogos integram a diversão (dominó, bingo, cartas etc.); muitos deles exigem abstração, raciocínio estratégico, memória, uma série de construções mentais importantes que podem ser aproveitadas na escola e nas rodas de conversas para lançar desafios crescentes. No entanto, as atividades sociais de lazer que envolvam a leitura e a escrita se apresentam com pouca frequência nas regiões do campo ribeirinho. Falando sobre esse assunto podemos perceber na fala do entrevistado que isso realmente ocorre nessa comunidade ribeirinha, localizada na Ilha de Itanduba no município de Cametá-Pará, observe:

Em nossas rodas de conversas, conversamos sobre tudo, religião, política, sobre a

nossa cultura, nossos costumes, fazemos brincadeiras, jogos e relatos, contamos e repassamos experiências, conversamos sobre melhorias em nossa comunidade com criações de escolas apropriadas para o campo, criação de um posto de saúde, e entre outras coisas que ainda não temos em nossa comunidade.

Assim, se a oralidade da mídia é importante para as pessoas de modo geral, no campo, sobretudo nas regiões em que a escrita não tem intensa circulação, ela é mais central ainda.

É necessário, portanto, que se reconheçam e se valorizem tais práticas e as articulem as atividades de escrita na escola e nas rodas de conversas. Por outro lado, é importante que, em cada contexto específico, seja feita uma avaliação das práticas das quais as crianças participam, pois, muitas vezes, o líder e o professor são surpreendidos e encontra práticas de escrita não identificadas na escola ou não valorizadas. Essa pesquisa é necessária para que não se torne como pressuposto a ideia de que a mídia não influencia na linguagem dos camponeses por isso faz-se necessário que se planeje ações didáticas sem chegar a tal pressuposto, pois, segundo o entrevistado: “O que observamos é que a mídia tem seu lado positivo e negativo e que devemos estar preparados para lidar com as diferenças em diferentes situações que surgem no dia a dia da nossa comunidade”.

Como já observamos na fala do entrevistado a mídia tem seus lados, do positivo o entrevistado diz: “De positivo é que através da mídia podemos ter e passar informações ideias sobre nossa comunidade podem registrar nossos costumes, nossa cultura, nossas experiências, bater fotos da nossa comunidade de hoje e mandar para pessoas que foram embora do nosso local para que eles possam lembrar suas raízes para que nunca esqueçam seus costumes, valores, cultura, ou seja, que ela é e sempre será um camponês ribeirinho”. “De negativo posso dizer que a mídia interfere muitas vezes, principalmente porque tendo acesso a muitas informações algumas pessoas acabam às vezes ficando confusas e querem viver com outros costumes, outra cultura e isso acabam o afastando da sua cultura. Mas sempre estou intervindo, alertando e dizendo que cada comunidade tem seu costume, sua cultura e que a nossa é a mais importante para nós, pois é essa e nessa que vivemos”.

A mídia, com todas as suas ferramentas, detém o poder de formadoras de opiniões, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, substituindo valores, modificando e influenciando, contextos sociais, grupos, constituindo os modelos do imaginário, criando novos sentidos simbólicos como julgadores de valores e verdades. O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante as reflexões que permearam o assunto abordado, demonstra a urgência em se efetivar a prática das novas tecnologias no âmbito das escolas ligando-as aos recursos metodológicos que propiciam a aprendizagem quanto às mídias, ou seja, é preciso estudar sobre as mídias e contextualizá-las para que os sujeitos não se tornem passivos, apenas reprodutores de informações e opiniões transmitidas pela mídia. Com essa finalidade, busca-se certificar que a escola se remeta a sua necessária função, em contradição ao mundo capitalista, garantindo o conhecimento por meio do domínio teórico, fazendo uso dos aparatos tecnológicos como ferramentas de libertação, proposta pelo surgimento da mídia, que, porém, hoje acabou se tornando um meio de dominação e controle social.

Levando em consideração a importância do fenômeno comunicacional na sociedade mundial e o acelerado processo tecnológico que abrange os mais variados setores da convivência humana, o que se propõe hoje é uma escola contextualizada, que se situe na dinâmica dos novos processos de ensino e aprendizagem, na pedagogia da alternância colaborativa, com o uso da mídia como mecanismo de desenvolvimento, de criticidade, de colaboração mútua que transforma as informações em conhecimentos sistematizados. Para que esse fim se concretize, os educadores, mediadores, líderes comunitários, movimentos, manifestações em fim em educação ocorrida em espaços não escolares, precisam coordenar este processo, incorporando as mídias aos guias pedagógicos, para serem contextualizadas com os indivíduos inseridos no sistema de aprendizagem.

Podemos concluir que a socialização é uma dimensão da formação humana e tem como serviço principalmente a transmissão a partir do diálogo de ideias e valores. Os sistemas educativos dos grupos, as estratégias e práticas de socialização expressariam uma visão de mundo, seriam responsáveis pela propagação ou “crucificação” dos sistemas de valores comportamentais dependendo do viés imposto, ou admitido no processo.

Analisando o impacto que as novas tecnologias vêm causando na sociedade, e a evidência que a mídia é imprescindível aos rumos educacionais oferecendo valiosas perspectivas para atingir o conhecimento satisfatório, insere esse estudo como pretensa contribuição ao desenvolvimento da educação.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Rádio no Espaço da Escola**. São Paulo: Annablume, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB n.1. de 3 de abril de 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 20/04/2016

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**. In: CALDART, et al (orgs). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Política de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 257-264.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 9. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

Dicionário Prático de pedagogia/ Tania Dias Queiroz, (coordenadora). -2 ed.- São Paulo: Rideel, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf> . Acesso em: 22/04/2016.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; MARTINS Larissa de Almeida. **MÍDIA-EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: a produção de rádio como ferramenta para leitura e escrita multimodais, numa perspectiva crítica**. **3º ECOM.EDU-Encontro de comunicação e educação de Ponta Grossa**, 2013, p.97-112. Disponível em: <http://deinfo.uepg.br/~proengem/conaitec/Anais/Trabalhos/6.pdf> e (site do evento) <http://ecomedu3.wixsite.com/3ecomedu/informacoes>. Acesso em: 22/04/2016.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade**. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf Acesso em: 22/04/2016.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-307-1

